



Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas
no marco dos 60 anos da UnB

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos
(Organizadoras)

EDITORA
UnB 60



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa

Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas
no marco dos 60 anos da UnB

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos
(Organizadoras)

EDITORA
UnB 60 

Equipe editorial
: Marília Carolina de Moraes Florindo
Coordenação de produção editorial : Denise Pimenta de Oliveira
Revisão : Emily Dias de Matos
Projeto gráfico : Cláudia Dias
Foto de capa : Inês Ulhôa / Editora UnB
Ilustrações : Petchó Silveira
Fotos de ilustrações : Carlos Borges
: © 2022 Editora Universidade de Brasília
: Direitos exclusivos para esta edição:
: Editora Universidade de Brasília
: Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
: Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
: CEP: 70910-900
: Site: www.editora.unb.br
: E-mail: contatoeditora@unb.br
: Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta
: publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por
: qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília
Camila Moreira Mendes Barcelos – CRB 1/2193

V111 Vá no seu tempo e vá até o final : mulheres negras
cotistas no marco dos 60 anos da UnB / Dione
Oliveira Moura, Deborah Silva Santos
(organizadoras). – Brasília : Editora
Universidade de Brasília, 2022.
168 p. ; 27 cm.

ISBN 978-65-5846-127-2 (impresso).
ISBN 978-65-5846-121-0 (e-book).

1. Mulheres negras. 2. Universidades e
faculdades - Ingresso. 3. Programas de ação
afirmativa na educação. 4. Universidade de
Brasília - História. I. Moura, Dione Oliveira
(org.). II. Santos, Deborah Silva (org.).

CDU 378.014 (09)



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Sumário

Apresentação

“Quando as mulheres negras se movem...” 9

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos

Parte 1

Nossos passos vêm de longe

Jornalista, professora, pesquisadora negra americana e relatora do projeto da política de ações afirmativas da UnB: a vivência de uma epistemologia afrocentrada 17

Dione Oliveira Moura

Ações afirmativas para estudantes cotistas na UnB 23

Deborah Silva Santos

Vinte anos do EnegreSer:

aprender e fazer História com o movimento negro 29

Aida Feitosa

Parte 2

Nós, mulheres negras americanas, na construção da história da UnB

O papel histórico da primeira turma de cotas raciais na UnB 37

Aline Pereira da Costa

Alegria da experiência como cotista negra 43

Andressa Marques da Silva

E agora sou eu que vivo esta história! 47

Anna Caroline Costa Silva

Uma revoada em curso 49

Camila Cecilina do Nascimento Martins

Cotas para negros despertam a consciência para os problemas sociais relacionados a raça e cor 53

Dalila Noletto Torres

“Isso é por eu ser uma mulher preta?” 59

Deborah Carolina Silva Duarte

É desta terra fértil que nasce e floresce muito do que sou e do que faço 63

Elen Cristina Ramos dos Santos

Na UnB, aprendemos a nos posicionar politicamente para as lutas sociais 69

Flora Egécia

Nossas vidas importam 73

Hallana Moreira Ramalho Costa

O sistema de cotas para negros é, sim, um direito 79

Iara de Jesus dos Santos

A primeira da família a ingressar no ensino superior 85

Juciele Fonseca

Explorar tudo o que a UnB pode oferecer 87

Julian Esttefane da Silva Reis

O papel das professoras negras e antirracistas para a inclusão das cotistas negras 91

Kátia Silene Souza de Brito

Transcender como negra a cada dia 97

Keila Meireles dos Santos

A importância do sistema de cotas para negros na minha trajetória 101

Letícia Bispo

Ocupar um espaço que pertence ao povo negro 107

Maria Antônia Perdigão

Sou uma mulher negra, fui criada por mulheres negras e me inspiro nessas mulheres 115

Mariana Paiva Soares

O empoderamento a partir do ingresso na Universidade como cotista racial 119

Michele Duarte da Silva

Nós, negros e negras, somos capazes e merecemos estar na UnB 127

Vitória Carolina Silva Duarte

O empoderamento para contribuir com a comunidade quilombola e a região 131

Maria Lúcia Martins Gudinho

Parte 3

Celebrar as vitórias e avançar

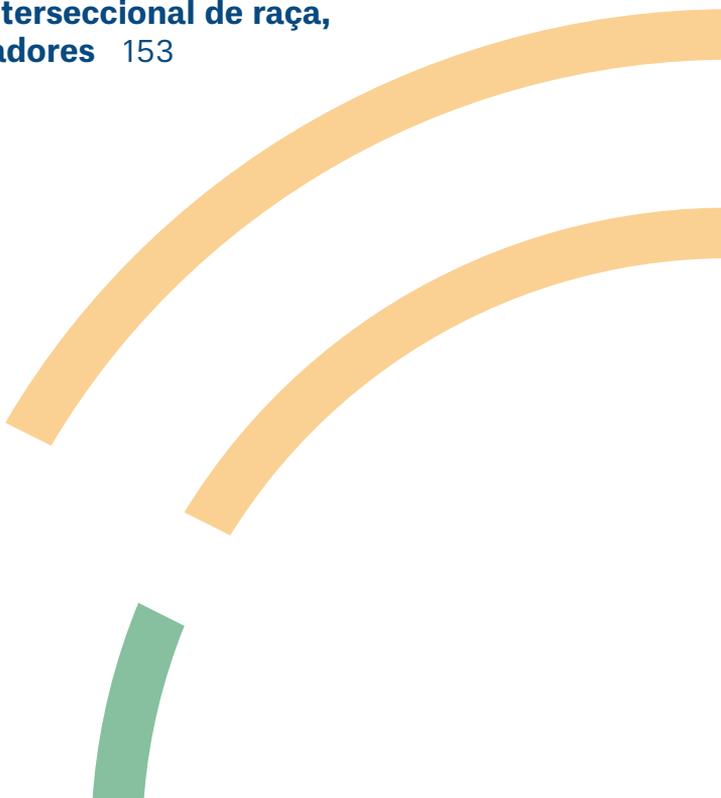
À guisa de conclusão: 60 anos da UnB, 19 anos da política de ações afirmativas na UnB 143

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos

Posfácio – Uma abordagem interseccional de raça, gênero, classe e outros marcadores 153

Renísia Cristina Garcia Filice

Sobre as autoras 161









Parte 1

Nossos passos vêm de longe



Ações afirmativas para estudantes cotistas na UnB

Deborah Silva Santos

Minha jornada na Universidade de Brasília começa pelas mãos da companheira e coorganizadora desta coletânea, professora Dione Moura, em abril de 2007, quando sou convidada a coordenar o Núcleo de Promoção da Igualdade Racial no Decanato de Extensão da UnB¹ (NPIR/DEX/UnB), criado como uma das respostas da reitoria ao caso de violência racial e de xenofobia ocorrido na Casa do Estudante Universitário (CEU) dias antes.

Na verdade, minha relação com a UnB começou anos antes, em 2004, quando, como consultora da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) na Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (Sesu/MEC), acompanhei a implantação dos sistemas de reserva de vagas para negros e negras no ingresso ao ensino superior brasileiro. A Universidade de Brasília, por ser a primeira instituição federal a implementá-lo, chamava a atenção, especialmente, por adotar o critério de raça independentemente da condição socioeconômica do candidato. Ou seja, a instituição não vinculou as cotas étnico-raciais à condição econômica dos estudantes.

Assim, ao chegar na UnB, eu já tinha conhecimento do seu ambiente étnico-racial, dos grupos do Movimento Negro discentes e docentes, bem como das ações afirmativas adotadas pela gestão superior a partir da implementação das cotas raciais, como a criação da Assessoria de Apoio ao Cotista (Adac) e do Centro de Convivência Negra (CCN), a oferta da disciplina “Pensamento negro contemporâneo” e a adesão ao Programa de bolsas de pesquisas Brasil Afroatidade.²

¹ O NPIR foi criado como resposta ao incidente ocorrido na Casa do Estudante da Universidade, a saber: na noite do dia 28 de março de 2007, na Casa do Estudante, foram esvaziados os extintores de incêndio e incendiadas as portas de quatro apartamentos onde residiam estudantes africanos, que dormiam no momento. Depois dessa ocasião, reconhecida como uma ação de racismo e xenofobia, a instituição passou por um período de tensão e conflitos com a parcela negra da comunidade universitária.

² O Programa Afroatidade da UnB, instituído em 2008, faz parte da política de permanência da Universidade e fornece 50 bolsas de estudos para pesquisa a estudantes negros e negras de baixa renda. Foi sucessor do Brasil Afroatidade: Programa Integrado de Ações Afirmativas para Negros (2004 a 2008), elaborado e financiado pelo Programa Nacional DST/AIDS do Ministério da Saúde – PNDST/AIDS/MS; a Secretaria Especial de Direitos Humanos do Ministério da Justiça – SEDH/MJ; a Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação – Sesu/MEC; e a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República – Seppir/PR.

Esse conhecimento se mostrou de grande importância para o gerenciamento de tensões e conflitos entre estudantes, professores, militância interna e externa antirracista e militância de direitos humanos e a reitoria da Universidade, presentes na formação do Grupo de Trabalho contra a Discriminação Racial da UnB,³ que tinha como objetivo elaborar ações de promoção da igualdade racial para a instituição e era presidido pelo recém-criado NPIR, cuja coordenação passou a ser de minha responsabilidade.

A resposta apresentada pelo GT foi a elaboração do Programa de Combate ao Racismo e à Xenofobia (PCRX), que trazia um conjunto de instrumentos, medidas e ações para identificar, avaliar e enfrentar a vigência do racismo e da xenofobia na Universidade. Um esforço para integrar e ratificar o valor dos três pilares que sustentam o saber acadêmico – ensino, pesquisa e extensão –, esse programa político-acadêmico buscava apresentar, estimular e desenvolver saídas criativas e inovadoras para os obstáculos na busca pela igualdade racial, naturalizados pela própria dinâmica do racismo, presente não apenas na Universidade, mas na sociedade brasileira como um todo (PCRX, 2008).

O PCRX buscava envolver todas as áreas da instituição com a comunidade universitária. Lançado em 28 de março de 2008, infelizmente apenas parte dele saiu do papel, por conta de mudanças na gestão superior da Universidade. No entanto, o NPIR, a partir do Decanato de Extensão, passou a executar várias ações propostas no Programa, também porque, concomitantemente, nas alternâncias da direção superior, assumi a Assessoria de Diversidade e Apoio ao Cotista, que era ligada diretamente ao Gabinete da Reitoria.

Assim, passei a coordenar ações de promoção da igualdade racial, o apoio aos estudantes cotistas no Centro de Convivência Negra, o Programa Afroatitude e a Assessoria à Reitoria nas questões relativas ao racismo e à discriminação racial. Naquele período, a UnB sofreu violentos ataques quanto ao seu sistema de cotas e à utilização da comissão de heteroidentificação durante o processo de vestibular para evitar fraudes nas declarações étnico-raciais, que, por desconhecimento, foi taxada de “tribunal racial”.

Essas atividades só foram desenvolvidas de forma exitosa pois contei com a ajuda de uma equipe competente formada por servidores, estagiários técnicos e estagiários graduandos⁴ e com a assessoria de professores e professoras afro-brasileiros e antirracistas. Assim, de 2008 a 2010 foram realizadas atividades diversas, como acolhimento aos estudantes ingressantes pelo sistema de cotas; pesquisa sobre o perfil dos estudantes ingressos e egressos pelas cotas; e um blog e um jornal eletrônico de informações acadêmicas e atividades culturais da UnB e do DF. Com a ajuda de estudantes cotistas e estudantes do Programa Afroatitude, foram realizados os projetos Cotistas na Universidade, Cotistas nas

³ Criado em 2008, como complemento às respostas da reitoria para o incidente na CEU, o GT foi formado com o objetivo de formular ações para o enfrentamento ao racismo e a promoção da igualdade racial na UnB. Compunham o Grupo de Trabalho docentes e discentes negros e negras da comunidade universitária; e entidades do Movimento Negro e dos direitos humanos da Universidade e do Distrito Federal.

⁴ Equipe formada por Débora Morais, Ana Paula Meira, Fabiana Paiva, Fabiana Soares, Paulo Victor Pacheco, Dalila Torres, Hayanna Silva, Kendy Neres, Wesley Granjero, Francisco Amado, Filipe Nascimento, Gardênia Lima, Olavo Souza, entre outros/as.

Escolas, Quinta sem Preconceito, Saúde e Prevenção nas Escolas e África nas Escolas, com estudantes africanos. Promovemos os cursos de extensão Cinema negro: a função educativa do cinema e a identidade e Introdução à Linguística Africana e a disciplina Pensamento Negro Contemporâneo,⁵ Negro em Questão e Direitos Humanos e Cidadania, esses últimos nos polos de extensão da UnB nas Regiões Administrativa do Gama e de Ceilândia. Promovemos duas edições da Semana Acadêmica da temática étnico-racial e a Semana da África, com a colaboração dos alunos africanos oriundos do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) e de Pós-Graduação (PEC-PG).

Em prol da diversidade, o CCN acolheu as demandas dos outros grupos marginalizados na Universidade, como os estudantes indígenas.⁶ Em um trabalho colaborativo com a Associação dos Acadêmicos Indígenas no Distrito Federal (AAIDF), realizamos o Seminário Povos Indígenas: Reserva de Terras e Reserva de Vagas no Ensino Superior, em 2008. Promovemos ainda reuniões entre a AAIDF e os gestores da UnB, o Gabinete da Reitora e o Centro de Planejamento Oscar Niemeyer da UnB (Ceplan) para a elaboração do projeto e posterior construção do Centro de Convivência Multicultural dos Povos Indígenas no Campus Darcy Ribeiro, hoje denominado de Maloca. Também acolhemos as reuniões do grupo de estudantes LGBTQIA+ pertencentes ao Coletivo Klaus-Diversidades.

Contudo, as principais ações foram as articulações com os Decanatos de Assuntos Comunitários, de Graduação e de Pesquisa e Pós-Graduação para a melhoria das condições estruturais e institucionais de permanência dos estudantes negros e negras e indígenas. Essas ações culminaram em articulação conjunta com a reitoria e a procuradoria da Universidade na convocação de parceiros, militantes e organizações antirracistas para as audiências públicas no Supremo Tribunal Federal (STF), convocadas pelo ministro Ricardo Lewandowski, relator da Ação de Descumprimento de Preceito Fundamental nº 186, impetrada pelo Partido Democrata (DEM), que questionava a adoção do sistema e os critérios raciais instituídos na Universidade de Brasília para a admissão de alunos pelo sistema de reserva de vagas para negros e negras.

No segundo semestre de 2010, após passar em concurso para professora efetiva no curso de Museologia da UnB, solicitei encerrar minha atuação no cargo de assessora. Terminou assim um período de acompanhamento da luta pela democratização do acesso ao ensino superior e dos processos de implantação das cotas nas Instituições de Ensino Superior públicas brasileiras. Dois anos depois, em 2012, foi aprovada a Lei nº 12.711, que obrigou as universidades públicas de todo o país a adotar o sistema de cotas para negros no seu ingresso. Vanguardista na implantação do sistema nas Instituições Federais, a UnB foi pioneira na implantação das comissões de heteroidentificação, impedindo fraudes e criando ações de acompanhamento e apoio aos

⁵ A Disciplina “Pensamento Negro Contemporâneo” foi criada como disciplina livre do DEX, em 2004, para apresentar a produção de conhecimento de intelectuais e acadêmicos de origem africana, possibilitando aos estudantes cotistas e não cotistas estudar as desigualdades étnico-raciais. A criação do projeto de extensão com o nome da disciplina possibilitou que a comunidade externa pudesse participar das aulas.

⁶ Desde o ano de 2004 a UnB conta com um exame vestibular específico para os indígenas; a seleção é feita em parceria com a Fundação Nacional do Índio - FUNAI.

ingressantes cotistas. No entanto, foi superada por outras universidades, que criaram, na gestão superior, decanatos, vice-reitorias ou outras instâncias de atendimento e acolhimento e de acompanhamento da política institucional de ações afirmativas, colaborando no complexo apoio aos/às estudantes cotistas no decorrer do curso, que são afetados/as pelo racismo estrutural e estruturante presente na sociedade brasileira e que reverbera no ambiente acadêmico.

O trabalho realizado foi feito com poucos recursos financeiros e humanos e, portanto, foram insuficientes no atendimento aos estudantes negros e negras cotistas que entraram na Universidade naqueles anos e que necessitavam de apoio acadêmico, financeiro, psicológico ou um acolhimento mais atento à adaptação ao ensino superior, além de um olhar para o recorte de gênero, um atendimento específico às estudantes negras e aos negros e negras LGBTQIA+.

Em 2016, iniciei meu doutoramento na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Portugal, tendo defendido a tese no ano de 2021 (Santos, 2021). No ano de comemoração dos 60 anos da UnB, 12 anos após deixar a Assessoria de Diversidade e Apoio aos Cotistas, fui convidada pela atual reitora, Márcia Abrahão Moura, a assumir um novo desafio: o de responder pelo cargo de Secretária de Direitos Humanos da UnB. Um grande desafio, mas também a possibilidade de contribuir com a elaboração e implementação das políticas institucionais de direitos humanos, no âmbito do ensino, pesquisa e extensão, e de envolvimento da comunidade universitária na construção e promoção de um ambiente menos discriminatório, em busca da superação das desigualdades e da convivência solidária, pacífica e ética.

Os relatos apresentados neste livro trazem a trajetória e experiências de discentes e ex-discentes negras da UnB, que entraram pelo sistema de cotas para negros/as na graduação e na pós-graduação. Invisibilizadas na generalização da raça, por conta do androcentrismo, e de gênero, por conta da homogeneização das mulheres, as mulheres negras apresentam especificidades nas suas existências ao interseccionar raça, gênero e classe. E como diz o refrão do samba-enredo da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira do carnaval de 2019 – “chegou a vez de ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês”, que como mulheres negras, nos seus relatos, descortinam uma corrente de afeto familiar, de luta e opção na escolha pela educação como forma de adquirir cidadania e o bem viver.

Entrar no ensino superior em uma universidade pública como a UnB era um sonho, que se tornou realidade e que possibilitaria uma vida melhor, com condições de romper o ciclo vicioso de trabalhos subalternos, de pobreza e exclusão. Essas professoras, pedagogas, bibliotecárias, cineastas, cientistas políticas, museólogas, comunicólogas, engenheiras, jornalistas, biotécnicas, publicitárias, bacharelas, mestras e doutoras negras que passaram a fazer história, no primeiro momento como estudantes de enegrecer com seus corpos o *campus* universitário e trazer um outro olhar, novos temas e problemas para a produção do conhecimento acadêmico. E no segundo momento, como pioneiras enegrecendo e feminizando o mercado de trabalho e enfrentando o racismo estrutural e estruturante que nega as mulheres negras trabalhos para além dos trabalhos de servidão.

Referências

SANTOS, Deborah Silva. *Museologia e Africanidades: Experiências Museológicas de Mulheres Negras em Museus Afro-Brasileiros*. Tese (Doutorado em Museologia) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa, Portugal, 2021.



Sobre as autoras

Dione Oliveira Moura (organizadora)

Professora titular da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB). É graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás (1986), mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (1990) e doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (2001). Na Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), atuou como sócia fundadora, diretora editorial (2004-2005 e 2006-2007), coautora do projeto editorial da *Brazilian Journalism Research* (BJR) (2004) e presidenta (2011-2013). Foi diretora da Socicom e atualmente é diretora regional Centro-Oeste da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (Abej). Na UnB, é docente do quadro desde setembro de 1995 e atuou em funções administrativas e acadêmicas, na vice-chefia e chefia do Departamento de Jornalismo, na Coordenação de Graduação, na Coordenação de Pós-Graduação e na Diretoria de Apoio à Pós-Graduação do Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação. Atualmente, é diretora da FAC (Gestão 2019-2023). Também na UnB atuou e atua em conselhos e câmaras, como o Conselho Universitário (Consuni), o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), dentre outros. No que diz respeito ao tema central deste livro, foi eleita pelo Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (Cepe) da UnB como relatora do processo de implantação da política de cotas e ingresso de indígenas na UnB, quando da aprovação do Plano de Metas para a Integração Social Étnica e Racial da UnB pelo Cepe em 6 de junho de 2003; e, além disso, desenvolve pesquisas e orienta projetos de pesquisa relacionados a jornalistas negras e igualdade racial.

Deborah Silva Santos (organizadora)

Doutora em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT) – Lisboa/Portugal. Mestra em História Social pela PUC/SP. Especialista em Museologia Avançada pelo Instituto de Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Historiadora pela PUC/SP. Atualmente é professora na Universidade de Brasília (UnB), atuando no curso de Bacharelado em Museologia. Ex-aluna do Workshop de Dissertação Mark Claster Mamolen (2018) do Afro-Latin American Research Institute/Harvard University. Pesquisadora do grupo de pesquisa Museologia, Memória e Patrimônio do PPGCInF da FCI/UnB. Pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa

em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e Gênero (GEPPHERG). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro (NEAB/CEAM/UnB). Áreas de pesquisa: museu e Museologia, estudos das relações raciais, mulheres negras, memória e patrimônio afro-brasileiro e museus afro-brasileiros.

Aida Feitosa

Atua profissionalmente como jornalista, analista ambiental, professora e pesquisadora. Como ativista do movimento negro brasileiro, participou da criação do EnegreSer (Coletivo de Estudantes Negros da UnB), fundado em 2001; integra a Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial (Cojira); e integra o Coletivo Beatriz Nascimento (que reúne estudantes negros e indígenas da Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ). Graduada e mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Aline Pereira da Costa

Graduada em 2008 pela UnB. Mestra em Relações Étnico-Raciais pelo Cefet/RJ em 2019. Também se especializou em Adolescência e Juventude pela Universidade Católica de Brasília em 2012. Foi bolsista (2005-2008) e vice-coordenadora do Programa Afroafirmative UnB entre os anos de 2009 e 2010, quando ingressou na carreira pública de assistência social do Governo do Distrito Federal. Chefiou o Núcleo de Afroempreendedorismo da Secretaria de Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos (2015) do GDF e compôs o Comitê de Equidade de Gênero e Raça do Senado Federal (2020). Atualmente, trabalha como educadora social na Secretaria de Desenvolvimento Social do GDF e integra o Núcleo de Pesquisa e Estudo em História, Territorialidades e Movimentos Sociais da Universidade Estadual do Piauí.

Andressa Marques da Silva

Graduada em Letras pela UnB, mestra e doutora em Literatura pela UnB. Atua na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal na elaboração de documentos norteadores e acompanhando as políticas públicas da instituição voltadas para os/as estudantes negros/negras e também em um projeto de formação de leitores a partir da experiência literária, especialmente com autoras negras.

Anna Caroline Costa Silva

Bacharela em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB); moradora de Brazlândia-DF e bolsista de extensão do Projeto Comunicação Comunitária (ComCom) da FAC-UnB.

Camila Cecilina do Nascimento Martins

Mestranda em Direito na UnB. Leonina, piauiense, afro-indígena, advogada popular. Associada do Coletivo Antônia Flor – Assessoria Técnica em Direitos Humanos do Piauí. Especialista em Direitos Humanos e Cidadania pela Faculdade Adelman (FAR).

Dalila Noleto Torres

Doutoranda em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas (PPGECsA) do Departamento de Estudos Latino-Americanos (ELA) do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora visitante (em estágio-sanduiche) na Universidad Centroamericana en Managua, Nicarágua. Mestre em Estudos Latino-Americanos pelo Teresa Lozano Long Institute of Latin American Studies (LLILAS) da University of Texas at Austin (UT Austin). Graduada em Ciência Política pela Universidade de Brasília. É membro do Grupo de Estudos sobre México, América Central e Caribe (MeCACB/ELA) e do Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Gênero (GREIG/ELA).

Deborah Carolina Silva Duarte

Graduada em Biotecnologia na UnB. Membro da Genesys Biotecnologia (Empresa Júnior) de 2017 a 2020, onde foi assessora dos setores administrativo e financeiro de agosto de 2017 a dezembro de 2018; diretora dos setores administrativo e financeiro de janeiro de 2019 a junho de 2019; diretora de operações de julho de 2019 a dezembro de 2019; e vice-presidente de janeiro de 2020 a dezembro de 2020. Estagiou no Laboratório de Fisiologia Vegetal da UnB do segundo semestre de 2019 ao primeiro semestre de 2020 e no Laboratório de Biologia Forense da Polícia Civil do DF de junho de 2021 a agosto de 2021.

Elen Cristina Ramos dos Santos

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGS/UFRGS). Licenciada em Ciências Sociais e Bacharela em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB).

Flora Egécia

Designer e cineasta, graduada em Desenho Industrial pela UnB e mestranda em Design no PPGDesign IdA/UnB. Em sua trajetória realiza diversos projetos sobre raça, gênero, saúde mental e política. É sócia do Estúdio Cajuína e recebeu, em 2017, o Prêmio do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal no eixo Culturas Afro-brasileiras. Diretora do documentário *Das Raízes às Pontas* (2015), dentre outras produções.

Hallana Moreira Ramalho da Costa

Bacharela em Jornalismo pela Universidade de Brasília (2020). Jornalista profissional, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília.

Iara de Jesus dos Santos

Jornalista, graduada em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB). Ingressou na UnB em 2015; defendeu, em 2021, o TCC *Ir à luta e garantir nossos espaços: Marcha das Mulheres Negras, memórias e novas vivências*. Participou da empresa júnior Pupila Audiovisual como membro de produção, direção de arte e como diretora de capacitação entre 2016 e 2018. Atualmente é produtora no “Canal Empreender”, na TV fechada, parceria entre o grupo Bandeirantes e o Sebrae.

Juciele Fonseca

Técnica de som direto de Brasília, graduada em Audiovisual pela Universidade de Brasília. Dentre os trabalhos realizados profissionalmente como técnica de som, destacam-se os documentários em longa-metragem *Mundo Pequeno* (Gustavo Amora, 2018), *Sementes – Mulheres pretas no poder* (Júlia Mariano) e *Confluências* (Dacia Ibiapina), além dos curtas-metragens *Mens who Talk* (Cristin Noelle, 2020), *Filhas de Lavadeira* (Edileuza Penha, 2018), dentre outros.

Julian Esttefane da Silva Reis

Graduada em Pedagogia pela UnB. Estuda Sociologia da Educação com foco no acesso e permanência no ensino superior. Professora temporária da Secretaria da Educação do Distrito Federal (SEEDF).

Kátia Silene Souza de Brito

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPG-CINF) da UnB e graduada em Museologia pela Faculdade de Ciências da Informação da mesma Universidade (FCI/UnB). Foi bolsista de iniciação científica (Pibic), com pesquisas nos temas Museologia, memória e patrimônio, Museologia virtual e cibermuseologia: estudos conceituais, mapeamentos e análise de manifestações virtuais museais e patrimoniais. Atualmente integra o grupo de pesquisa MUSEOLOGIA LAB: Laboratório de Pesquisa em Cultura digital e Museologia Virtual.

Keila Meireles dos Santos

Mestra em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (PPGS/UFF), especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana pela Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG), graduada em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília. Tem interesse em estudos sociológicos, Ciência da Informação com foco em produção e disseminação de culturas voltadas para jovens, atuando especificamente nos seguintes temas: juventude, gênero, raça/etnia, ação afirmativa e movimento *hip hop*. De 2017 a 2019 trabalhou como servidora analista de gestão governamental da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Servidora bibliotecária-documentalista da Universidade Federal de Uberlândia (UFO).

Letícia Bispo

Bacharela em Comunicação Social/Audiovisual pela Universidade de Brasília, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Trabalha como curadora, pesquisadora e crítica nas áreas de cinema e audiovisual. É técnica-administrativa em educação, na área de audiovisual, na Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília.

Maria Antônia Perdigão

Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação (PPG/FAC) da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora no eixo temático racial, atua há mais de uma década no mercado como jornalista, assessora de imprensa e *social media*. Tem vasta experiência em áreas como política, Poder Legislativo e projetos de iniciativas socioambientais. Ao longo de sua trajetória, trabalhou na Câmara dos Deputados e na Executiva Nacional de partidos políticos. Atualmente é gestora das atividades de Comunicação Social de organizações não governamentais e entidades filantrópicas.

Maria Lúcia Martins Gudinho

Graduada em Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação na área de Línguas (Língua Portuguesa, Espanhol, Artes, Teatro e Literatura), na Universidade de Brasília. Membro da Coordenação Pedagógica do Projeto Residência Jovem. Monitora do Núcleo Territorial Kalunga. Fez graduação-sanduíche na Universidade Anton de Kom (Suriname). Especialista em Língua Portuguesa Aplicada ao Ensino Básico – Faculdade UnB Planaltina-DF. Atualmente é assessora de comunicação da Prefeitura de Cavalcante-GO.

Mariana Paiva Soares

Formanda em Comunicação Organizacional pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Trabalha como *social media* do projeto Jovem de Expressão e tem experiência com assessoria de comunicação e imprensa, produção audiovisual, assistência de produção, elaboração de projetos, roteiro e fotografia. Foi roteirista do documentário *Poeira que ainda respiramos*, que fala das memórias da ditadura militar na UnB. Como fotógrafa, participou da exposição *Lembretes do Existir*, na galeria Risofloras.

Michele Duarte da Silva

Licenciada em Ciências Naturais pela UnB, ingressou no ano de 2015 na Universidade. Hoje, atua no sistema socioeducativo da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF).

Renísia Cristina Garcia Filice

Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e de Gênero, da Faculdade de Educação da UnB (Geppherg-FE/UnB). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab-CeamUnB) e da Comissão de Acompanhamento de Políticas de Ações Afirmativas na Pós-Graduação da Universidade de Brasília (Capaa/UnB).

Vitória Carolina Silva Duarte

Mestra e doutoranda em Engenharia Mecânica na Universidade de Brasília (UnB). Graduada em Engenharia Mecânica pela Universidade de Brasília (UnB), tem especialização em Engenharia em Segurança no Trabalho pelas Faculdades Cruzeiro do Sul.

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas no marco dos 60 anos da UnB

Esta obra vem coroar os 60 anos da Universidade de Brasília, uma Universidade à frente de seu tempo, que tem pontos a serem superados, mas que não estagna.

A cada ano a UnB avança e desponta no cenário nacional como uma das maiores referências do Brasil e da América Latina. Ano a ano, pouco a pouco, a sociedade diversa se faz presente no interior da UnB, e esta se espalha Brasil a fora formando pessoas tecnicamente competentes, humanamente sensíveis e socialmente comprometidas com um outro mundo possível, antirracista, antissexista e tecnicamente qualificado.

Existem ainda grandes desafios a serem superados, inclusive no monitoramento da política, em particular na permanência, mas já colhemos resultados que revelam quão potentes são as políticas afirmativas para mudar o mundo – sim, sonhamos alto.

Nesta obra, os relatos e pesquisas das mulheres negras não deixam dúvidas do quanto podemos sonhar e realizar. Ademais, timidamente, as novas epistemologias estão em curso, os novos currículos, as novas formas de ser e estar no mundo se articulam de forma inter, multi e transdisciplinar.

Renísia Filice